

O *bairro* e suas determinações: *bairro educador* e *bairro-escola*

Maria Teresa Martins (UNESP - São José do Rio Preto)¹

Resumo: Este artigo, situado teoricamente no âmbito da Análise de Discurso, apresenta uma reflexão sobre a palavra “bairro” e duas de suas determinações, a saber: “bairro educador” e “bairro escola”, com base nas análises de textos jornalísticos, um livro, sites. O objetivo é mostrar os deslocamentos de sentidos de uma expressão a outra.

Palavras-chave: análise de discurso; bairro; silêncio; deslocamentos de sentidos.

Para situar a questão

O presente texto visa a expor os resultados de nossa pesquisa sobre os sentidos de “bairro”. O trabalho se insere no âmbito do Projeto PALADIS – “Palavra, discurso, silêncio: no movimento dos sentidos urbanos” (apoio Fapesp – proc. n. 15205-1)-, que, sob a coordenação do Prof. Dr. José Horta Nunes, debruçou-se sobre a relação entre palavra e discurso, levando em consideração discursividades urbanas contemporâneas.

A partir de um *corpus* de textos que incluem documentário (“Heliópolis – Bairro Educador”, Ferezini, 2008), artigo de jornal (“Seguranças dos ricos está em Heliópolis”, Dimenstein, 2009), notícias de *sites* (Portal Aprendiz UOL, Portal O Dia Terra, Instituto Baccarelli) e livro (*Bairro-escola passo a passo*, MEC, 2007), partimos da palavra-silêncio “bairro” e nos deparamos com dois itens lexicais que passaram a ser nosso foco de atenção nas análises: “bairro educador” e “bairro-escola”.

Por palavra-silêncio entendemos, de acordo com Nunes (2009-2010):

[...] pontos de entrada no discurso, são índices de discursividade, e não são vistas de modo fixo, mas sim em seu movimento, em sua dimensão fluida. Para precisar o estatuto da palavra de entrada no discurso, propomos denominá-la de palavra-silêncio, que entendemos como o horizonte de significação da palavra no discurso. Procuramos operar aqui a noção de silêncio, de E. Orlandi (1992), concebido como "horizonte, como iminência de sentido", a fim de compreender a relação entre palavra e discurso (NUNES, 2009-2010, s/n).

¹ Doutoranda do PPG em Estudos Linguísticos; Bolsista FAPESP.

Nossas reflexões serão apresentadas em quatro seções: na primeira, tratamos da conceituação de determinação na sua relação com a questão do sentido para a Análise de Discurso; na seção seguinte, analisamos o item “bairro educador”; na terceira, analisamos o item “bairro-escola”; na última parte, trazemos algumas considerações finais que buscam contribuir para a compreensão do espaço urbano.

Sentido e determinação

Na década de 1970, Michel Pêcheux publicou a obra **Les vérités de la Palice** em que, apontando para as bases de uma teoria não subjetiva da subjetividade, aborda a questão do sentido.

De acordo com Pêcheux (1997, p. 61)², sobre os processos discursivos, pode-se compreender:

Se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes” – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir – uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. [...] A partir de então, a expressão *processo discursivo* passará a designar o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos linguísticos – “significantes” – em uma formação discursiva dada. [grifos do autor]

O autor questiona a tese segundo a qual as palavras teriam um sentido em si, um sentido próprio, isto é, questiona a literalidade dos sentidos a partir de uma visão materialista da reprodução/transformação das relações de sentido.

Partindo desse pressuposto teórico, ancoramos a compreensão dos processos de produção de sentido à análise, observando as condições de produção e as posições-sujeito.

Um dos processos encontrados no nosso *corpus* foi a determinação da palavra “bairro”. Guimarães (2006, p. 132) explica que a determinação é “uma relação em que um elemento do mesmo enunciado se relaciona a outro do enunciado de tal modo que um é tomado como centro e o outro apresenta uma característica dele”.

² Baseamo-nos aqui na 3ª edição brasileira: PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997.

No caso do nosso material, temos que o item lexical “bairro” é determinado por “educador” e por “escola”. Nos textos em que encontramos essas ocorrências, não se define previamente o que seja um “bairro”, parte-se já do uso do item lexical com as determinações citadas. Podemos apontar ao menos dois funcionamentos a partir da observação desses fatos:

i. os sentidos de “bairro” são tomados como já-ditos, que dispensam qualquer explicitação no fio do discurso. Trabalha-se nesses discursos com a evidência dos sentidos, considerando-se o funcionamento da ideologia. As palavras de Pêcheux (1997, p. 160) chamam a atenção para o fato de que

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. [grifos do autor]

ii. as determinações “educador” e “escola” recortam um campo de significação. Ao se unirem sintaticamente a “bairro”, ligam-no a uma discursividade dada, qual seja, a educacional, não de maneira idêntica, como veremos adiante.

O bairro educador: a escola do bairro

Para a análise do item lexical “bairro educador”³, baseamo-nos nos seguintes materiais do *corpus*: no artigo “Segurança dos ricos está em Heliópolis” de Gilberto Dimenstein, publicado no caderno Cotidiano da Folha de São Paulo, de 06/09/2009, e em um documentário chamado “Heliópolis, Bairro Educador” (2008), dirigido por André Ferezini.

Pudemos observar o funcionamento das relações de co-referência que relacionam “bairro educador” a condomínios, favela e comunidade, e buscamos compreender os deslizamentos de sentido produzidos em cada material do *corpus*.

No caso do texto de Dimenstein, a principal retomada de “bairro educador” é por “condomínio sem muros e educativo”. Essa retomada constrói um sentido para o item lexical em duas instâncias:

i. Coloca a educação como caráter ativo e a falta dos muros como uma condição;

³ Para uma análise mais detalhada do item lexical “bairro educador”, ver nosso artigo: “As relações sinonímicas na construção do bairro educador”.

ii. Ao propor como núcleo sintagmático “condomínio”, recupera toda uma memória que se opõe tanto aos sentidos de “bairro” quanto aos de “favela”, do ponto de vista sócio-econômico-arquitetônico. O item lexical “favela” é usado no texto de Dimenstein, mas os sentidos de “favela” (ligados a marginais, traficantes e roubos) são trazidos para o fio do discurso para serem rechaçados, em defesa da ideia de bairro educador.

O deslizamento aqui vai no sentido de pôr em funcionamento o equívoco em favor da construção de uma nova posição. É o mesmo, mas é diferente. Sendo assim, o item lexical “condomínio” significa contraditoriamente, por meio do equívoco, conforme esteja relacionado aos “bairros nobres” ou aos “bairros educadores”.

Em uma primeira rede sinonímica, ligada por co-referência a “bairros nobres”, os sentidos de “condomínio” estão ligados ao espaço fechado de casas de alto padrão, com recursos de segurança privada (“castelos medievais com recursos tecnológicos e cercados por policiais privados”). O autor se coloca contra essa discursividade, ironizando-a. Já na segunda rede sinonímica, ligada por co-referência a “Heliópolis”, os sentidos de “condomínio” negam o fechamento do espaço e remetem a um projeto modelo de “cidade do futuro”, em que o eixo organizacional seja as “articulações” focadas na educação e nos direitos humanos: “para ali [Heliópolis] se transformar num condomínio sem muros e educativo”.

Desse modo, Heliópolis é significada como “favela” e como “bairro educador”, ao mesmo tempo, mas em meio a um processo que objetiva a transformação completa da favela em bairro educador. O jornalista retoma Heliópolis por “a maior favela de São Paulo”, mas para mostrar que isso é só uma parte do que seja Heliópolis: “Sinto-me em condições de garantir que **aquela baderna** nem remotamente espelha a **articulação desenvolvida ali**”⁴. Seu discurso segue em direção à afirmação e defesa da transformação da favela em bairro educador: “Os episódios da semana passada não representam nem remotamente o espírito daquela comunidade [Heliópolis]. Mas revelam que ainda há muito tempo e esforço para ali se transformar num condomínio sem muros e educativo”.

Já com relação aos recortes do documentário de Ferezini, produzido pela Fundação Padre Anchieta e a produtora Maria Bonita Filmes, com colaboração da Prefeitura de São Paulo, podemos notar que as retomadas se organizam na direção: **favela → comunidade → bairro educador**. Tal direção indica uma transformação que leva a uma ressignificação do espaço de Heliópolis: de violento e sem infraestrutura a modelo de iniciativa educativa social.

⁴ Grifos nossos.

A sequência de cenas do documentário também reproduz esse percurso: inicia-se referindo a Heliópolis como “favela” e vai aos poucos resignificando o espaço como “comunidade” para, por fim, chegar ao conceito de “bairro educador”. A favela está na memória de Heliópolis, memória essa negada, pois a pretensão da comunidade é ser bairro educador.

Essa transformação vai se construindo discursivamente por meio de cada retomada de Heliópolis, que vai indicando uma etapa desse processo, marcado linguisticamente pelos tempos verbais (“era”, “está se transformando”) e pela rede de palavras que se associam, num primeiro momento, à “violência” (“tiroteio”, “briga”), e, posteriormente, à “educação” e “articulação de esforços”.

Em ambos os materiais, o estado de “*favela*” é trazido para o fio do discurso para ser negado e resignificado. A memória de “favela” vai sendo substituída pela de comunidade, de “condomínio sem muros”, até alcançar o patamar de “bairro educador”, por meio de deslizamentos de sentidos e de transformações.

Vejamos, na sequência, como compreendemos um outro item lexical em uso no *corpus* que põe em funcionamento mais uma determinação de “bairro”, qual seja: “bairro-escola”. Posteriormente, confrontaremos os dois itens lexicais para observar se há deslizamentos de sentidos, se há entre eles uma tendência à paráfrase ou à polissemia.

O bairro-escola: da escola ao bairro

Na continuidade das análises, em buscas através do meio digital, nos deparamos com textos alocados no *site* Aprendiz UOL (www.aprendiz.uol.com.br) e com um livro digital publicado pelo MEC que faziam referência ao item lexical “Bairro escola” que, por sua vez, denomina um projeto modelo implantado em favelas de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, consideradas áreas de risco. O material analisado consta, portanto, de três textos: recortes do livro **Bairro-escola: passo-a-passo** (MEC et al., 2007) e os artigos *Cidades consolidam Bairro-Escola como política pública* (REDAÇÃO, 2007) e *Bairro-Escola: o desafio de trabalhar em rede* (MEGUERDITCHIAN, 2007).

O *site* Aprendiz UOL é ligado à ONG Cidade Escola Aprendiz e conta entre seus fundadores com o jornalista Gilberto Dimenstein. Segundo o próprio portal, que se define como “site jornalístico”, ele “reporta notícias baseando-se no conceito chave da instituição: o Bairro-Escola”. Já o livro é uma iniciativa conjunta do MEC, da ONG Cidade Escola Aprendiz, da UNICEF e das Prefeituras de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro. Ele se define, no prefácio, como “um passo a passo dessa tecnologia social de baixo custo”.

Pudemos observar que o *corpus* constrói, para o item lexical “bairro escola”, uma rede de significações ligadas à educação, como se depreende da própria determinação do item, mas também à importância, em espaços de risco social, de ações que levem a escola para o bairro. Seleccionamos alguns recortes, nos quais destacamos marcas relevantes para a nossa análise:

- “Transformar a comunidade em um ambiente de aprendizagem, ampliando os limites das salas de aula, é o desafio dos Bairros-Escola. Educar converte-se, então, numa responsabilidade coletiva, na qual professores e gestores passam a contar permanentemente com as mais diversas parcerias públicas e privadas, a começar pelas famílias. Busca-se, assim, criar a malha multidisciplinar em que se aproveitam todas as ofertas possíveis em torno da educação: centros de saúde, cinemas, teatros, praças, parques, clubes, museus, empresas, universidades, instituições não-governamentais, tudo contribuindo para aumentar o apoio aos alunos” (MEC et al., 2007) [grifos nossos];
- “Um novo modelo de gestão de potencialidades educativas, que busca transformar toda a comunidade em extensão da escola, trançando o processo de ensino-aprendizado à vida cotidiana” (MEC et al., 2007) [grifos nossos];
- “Tudo na cidade funciona em função do bairro-escola. Os caminhos entre as escolas e os espaços onde acontecem as atividades extracurriculares têm uma faixa no chão pintada de vermelho para que as crianças possam andar sem problemas. Os ambulantes recolheram suas barracas para dar passagem às crianças, os motoristas de ônibus foram educados para que parassem os veículos ao ver as crianças passando, toda a sinalização da cidade foi modificada, os muros ganharam cores e os moradores foram sensibilizados” (REDAÇÃO, 2007) [grifos nossos];
- “Experimentar, aplicar e disseminar o conceito de Bairro-Escola. Esse é o objetivo perseguido pela Associação Cidade Escola Aprendiz. Para isso, a Vila Madalena, bairro da zona oeste da cidade de São Paulo (SP), serve como laboratório pedagógico. Nele, são desenvolvidas e sistematizadas experiências e programas que ajudam a consolidar o conceito, no qual se cria um amplo espaço educativo, estruturado por uma rede que une toda a comunidade, amplia as possibilidades de aprendizagem e melhora a qualidade de vida urbana. [...] Criar espaços educativos significa, diante das conexões desse grande grupo, possibilitar que diferentes locais do bairro, como a praça ou os muros, por exemplo, se tornem lugares de aprendizagem” (MEGUERDITCHIAN, 2007) [grifos nossos].

O discurso é o da integração da “comunidade” em torno de uma mesma *causa*, pode-se dizer que é a educação ou, mais precisamente, a implementação do projeto de bairro-escola. O objetivo seria transformar a “comunidade” no entorno da escola, fazendo com que todos os espaços

servam à educação. Dessa forma, o espaço do bairro, juntamente com os equipamentos públicos e privados, passam a compor uma “malha multidisciplinar”. Assim, os sujeitos (motoristas, moradores, ambulantes, professores, gestores, alunos, famílias) são envolvidos por esse discurso colaborativo, em que a comunidade assume um espaço de atuação deixado em lacuna pelo Estado e que resulta em políticas públicas de reorganização desse espaço (trânsito e comércio se adequam à movimentação de alunos pelo espaço citadino) deixando de ocupar aquele local específico da escola.

Há ainda uma discursividade da Administração de Empresas atravessando esses dizeres sobre o “bairro-escola” ao defini-lo como “novo modelo de gestão de potencialidades”, comum em condições de produção ligadas ao neo-liberalismo, em que ganham forças discursividades de gestão, de capital, de potencialidades.

Gilberto Dimenstein, como vimos anteriormente, também emprega a expressão “bairro educador”. No entanto, nos discursos sobre o “bairro educador”, o bairro recebe projetos e atividades de instituições e profissionais parceiros, como o Instituto Baccarelli, Antonio Candido e Ruy Otake. A escola é o espaço central do bairro onde se concentram as principais atividades. Já no “bairro-escola”, a educação é o conceito central, mas ela se dá fora do espaço da escola também. A proposta é justamente sair dos muros da escola e desenvolver atividades educativas no espaço urbano:

Imagine uma escola sem muros, aberta à comunidade, que beneficie a todos e também seja cuidada por todos. Uma escola imensa, com quadras de esporte, praças e parquinhos, cinemas, teatros, museus, ateliês, entre muitas outras facilidades. Uma escola em que o saber acadêmico tem tanto valor quanto o saber popular e em que o currículo é uma grande trilha, ao longo da qual se vivenciam experiências e descobertas (MEC et al., 2007).

Sendo assim, pela análise dos materiais do *corpus*, não há uma relação sinonímica entre os itens lexicais “bairro educador” e “bairro-escola”, já que ao serem enunciadas são relacionadas a sentidos diferentes.

Considerações finais

Como deixamos em suspenso anteriormente, as determinações que recaem sobre o item “bairro”, “educador” e “escola”, evocam discursos educacionais, como as marcas linguísticas deixam entrever. No entanto, no *corpus* elas se ligam, pelas redes que vão formando, a sentidos diferentes.

Assim, o item lexical “bairro educador” designa o movimento de pôr a escola, enquanto espaço citadino, como eixo central das ações sociais que visam à transformação da favela em bairro. Por outro lado, o item “bairro-

escola” designa o movimento de transposição do espaço da escola em direção à utilização de todos os espaços do bairro como “lugares de aprendizagem”.

Em ambos os casos, chama-nos a atenção a mobilização das comunidades e de ONGs para agir, atuar, gerir, promover, legislar, transformar o espaço do bairro. Há “parcerias públicas e privadas”, mas a figura do Estado, enquanto principal articulador simbólico, fica enfraquecida.

Referências

DIMENSTEIN, Gilberto. Segurança dos ricos está em Heliópolis. **Folha de São Paulo**. Caderno Cotidiano. São Paulo, 06. set. 2009.

FEREZINI, André. **Heliópolis, bairro educador**. Documentário, 42 min. São Paulo: Fundação Padre Anchieta; Maria Bonita Filmes; Prefeitura de São Paulo, 2008.

GUIMARÃES, Eduardo. Semântica e Pragmática. In: GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mônica G. (org.) **Introdução às ciências da linguagem**. A palavra e a frase. Campinas, SP: Pontes, 2006.

MEC et al. **Bairro-escola: passo-a-passo**. Brasil: MEC, 2007. Disponível em: <www.unicef.org/brazil/pt/bairro_escola.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2012.

MEGUERDITCHIAN, Alan. Bairro-Escola: o desafio de trabalhar em rede. In: **Aprendiz UOL**, 2007. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br/content/frohespest.mmp>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

NUNES, José Horta. **Projeto Palavra, discurso, silêncio: no movimento dos sentidos urbanos**. Processo Fapesp 15205-1, 2009-2010.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1992.

_____. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997.

REDAÇÃO. Cidades consolidam Bairro-Escola como política pública. **Aprendiz UOL**, 2007. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br/content/cimeshecod.mmp>>. Acesso em: 15 mar. 2012.